

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ALLAN DWAN

4 e 17 Dezembro de 2021

THE INSIDE STORY / 1948

um filme de ALLAN DWAN

Realização: Allan Dwan *Argumento:* Mary Loos, Richard Sale, a partir de uma história de Ernest Lehman, Geza Herczeg, Allan Dwan (não creditado) *Fotografia:* Reggine Lanning *Som:* Victor B. Appel, Howard Wilson *Montagem:* Arthur Roberts *Música:* Nathan Scott *Dirção artística:* Frank Arrigo *Cenografia:* John McCarthy Jr., George Milo *Caracterização:* Peggy Gray, Bob Mark *Assistente de realização:* John Grubbs *Interpretação:* Marsha Hunt (Francine Taylor), William Lundigan (Waldo 'Bill' Williams), Charles Winninger (Tio Ed), Gail Patrick (Audrey O'Connor), Gene Lockhart (Horace Taylor), Florence Bates (Gealdine Atherton), Hobart Cavanaugh (Mason, cliente do banco), Allen Jenkins (Eddie), Roscoe Karns (Eustace Peabody), Robert Shayne (T.W. "Tom" O'Connor), Will Wright (J.J. Johnson), William Haade (Rocky), Frank Ferguson (Eph), Tom Fadden (Ab Follansbee), etc.

Produção: Republic Pictures (Estados Unidos da América, 1948) *Produtor associado:* Allan Dwan *Cópia:* UCLA, 35 mm, preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 86 minutos *Estreia:* 14 de Maio de 1948, nos EUA *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA _____ Acontece por vezes estas "folhas" serem antecedidas de uma nota sobre o estado da cópia do filme em causa, advertindo para alguma falha física ou electrónica do material em projecção. Por vezes dá vontade de proceder ao movimento inverso, fazendo notar ao espectador um material que dá gosto em projecção. É o caso desta cópia 35 mm vinda da UCLA.

"Um país não é montanhas e rios e cidades e aldeias. Um país é gente comum, na casa do lado ou na quinta ao fundo do caminho. Esta história é sobre o Tio Ed, em Vermont. Mas – no espírito e na memória de toda a gente – há um Tio Ed em toda a parte onde as pessoas vivem livre e democraticamente; porque o Tio Ed é o homem comum. Podia ser o teu Tio Ed, ou o Tio Ed do teu vizinho... ou tu!" E então, projectada a mensagem do principiante intertítulo, Silver Creek, Vermont, dá-nos as boas-vindas no primeiro plano com imagem de *The Inside Story*. Um travelling que avança em vista aérea numa rua da cidade, passando o letreiro cordial que se liquefaz em sobreposição com um plano interior do banco da pequena cidade rural, avançando a câmara num novo movimento que destaca um cliente num balcão de janela. A seguir, entra o Tio Ed, um tipo de certa idade que traz consigo, além dos óculos e gorro estampado, uma bonomia lá dele.

Tudo corre de feição nesta bem-disposta entrada na história de bastidores "da família de qualquer homem" (rezava o cartaz original) de que trata um dos dezanove títulos realizados por Allan Dwan nos anos 1940 da Hollywood clássica, perto de quatro décadas depois de começar, pioneiro, em 1911. É um ponto em que as "folhas" desta retrospectiva possivelmente insistirão, notando o percurso de Dwan, *the last of the pioneers* (Peter Bogdanovich), um grande narrador e um grande poeta do espaço (Jean-Claude Biette) – dos mais prolíferos realizadores de sempre, ou aquele que teve dos ritmos de produção mais alucinados, Dwan acompanhou a implantação da indústria de cinema em Los Angeles nos primórdios do século XX, formando-se na tarimba (nos primeiros anos, à velocidade de três títulos semanais de uma bobine) e participando da formação, na tarimba, da

linguagem cinematográfica a par da evolução da tecnologia, desde logo marcada pela passagem do mudo ao sonoro nos anos finais de 1920; trabalhou nos estúdios, com as suas regras e o cânone em construção, até ao último opus rodado em 1958, já os tempos se anunciavam novos: *The Most Dangerous Man Alive* (1961) foi um final em grande, na linha dos orçamentos modestos (um FC série B produzido para a Columbia por Benedict Bogeaus) e do alto voo dos seus filmes que rasam a crueza humana descobrindo-lhe a tragédia e a poesia. Hoje faz parte dos Dwan mais sonantes, ainda assim não excessivamente.

The Inside Story é um (ainda quase) ilustre desconhecido. Tal como outros três títulos de 1946-48, a partir de argumentos com a participação de Mary Loos e Richard Sale, produzidos pela Republic Pictures – *Rendez-vous with Annie*, *Calendar Girl* e *Driftwood* alinharão com *The Inside Story* por se inscreverem na comédia, permanecendo na sombra. Jacques Lourcelles (*Dictionnaire du cinéma – Les films*, 1992) defende-o como o mais insólito e o mais original, um filme que alia a simpatia e o pitoresco das personagens que se movem no território da América rural a “um curso de economia e finanças completamente inesperado”. Ao argumento e notando como *The Inside Story* ilustra uma visão da interdependência humana num mundo em que cada um tem um papel a desempenhar, Michael Henry Wilson (*Allan Dwan: La legende de l’homme aux mille films*, 2002) acrescenta que Dwan se “distancia da mitologia populista cara a Frank Capra. [Para Dwan] o dinheiro deve circular, como as ideias e o sangue, para ter a produtividade da vida, da saúde e da felicidade”. É verdade que os filmes de Capra são o referente mais imediato para o espectador prevenido de optimismo, é verdade que a lição financeira é totalmente inesperada.

Tudo gira à volta de um envelope recheado da soma de mil dólares em notas, que circula na pequena cidade de Vermont a contento das pessoas que “o agarram” sem ganância, vendo resolvidos os problemas que poupam um homem ao suicídio, devolvem a confiança a um jovem casal, evitam falências, etc. “O dinheiro nunca se perdoa”, na “moral” do *Gebo e a Sombra* segundo Raul Brandão ou Oliveira? Por aqui, a máxima é outra, mesmo que as personagens se lembrem “de 1933”, isto é da Grande Depressão, sabendo que “estamos a voltar rapidamente ao mesmo caminho”, ainda que porventura não soubessem quão bem a dita frase se aplicaria em verídicos anos vindouros. O *old-timer* Tio Ed manifesta tranquilidade e explica ao seu interlocutor que o problema que lhe diagnostica é o medo. Tudo isto no cenário da caixa forte do banco, entre as linhas das grades e as dos cofres-gaveta individuais, com maços de notas à vista desarmada nas mãos dos dois homens. “Havia uma grande crise e quis mostrar que o pior sítio para se ter o dinheiro era imobilizado num banco; o dinheiro tinha de circular!” (Dwan sobre o seu filme). O veterano Tio Ed de Charles Winninger não poupa nas palavras dessa sequência de diálogo a dois, e põe em marcha o flashback que encerra a história dos mil dólares vivida ali mesmo. Março de 1948, transmuta-se em Março de 1933, onde ficamos durante quase todo o filme, até ao desfecho que postula a circulação do dinheiro: “O dinheiro é como o sangue, de nada serve se não circular.”

The Inside Story fá-lo circular a contento. Com a naturalidade assertiva de um clássico – lá está – em que os planos se encadeiam com transparência, nas escalas e tempos justos, com ênfase narrativa, uma clarividência que no caso ganha em sentido de humor, saboroso como os equívocos que vão gracejando com as personagens e as situações em que estas se põem. Num filme sobretudo de interiores, sem muitas oportunidades de abertura ao espaço da paisagem que Dwan *olha* magnificamente, a dimensão humana enche pela mesma medida. E rimo-nos com as andanças do discurso sobre o dinheiro, sempre contemporâneo.